



COMPREENDENDO A MORTE PELO OLHAR DA CRIANÇA HOSPITALIZADA

Maria Eduarda Almeida Alves ¹, Khivia Kiss da Silva Barbosa ²

RESUMO

O luto pode ser vivenciado de diversas formas, de modo dinâmico, e pode ter impactos distintos dependendo da faixa etária do indivíduo, sua compreensão acerca da morte, características culturais e religiosas, bem como proximidade com o (a) falecido(a). Este estudo teve como objetivo: compreender como as crianças hospitalizadas compreendem a morte. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório de natureza qualitativa, realizado em um hospital universitário, na cidade de Campina Grande, Paraíba. A amostra foi composta por 15 crianças na faixa etária de 5 anos até 11 anos, internadas na pediatria e oncopediatria. A coleta ocorreu durante os meses de novembro e dezembro de 2023, fevereiro, março, abril e maio de 2024, por meio de uma entrevista semi-estruturada e auxiliada pela leitura das histórias “O vovô não vai voltar” e “O dia em que Max não brincou com a bolinha”, que buscou inserir o assunto de modo mais lúdico. Os discursos foram analisados por meio da análise temática de Bardin, emergindo as categorias: As perdas vivenciadas pela criança; Sentimentos relacionados às perdas; O que acontece com a chegada da morte; Quando alguém morre, a criança precisa de... e Quais histórias/personagens infantis que abordam sobre a morte/luto você conhece. Conclui-se que, assim como a literatura aborda, as crianças possuem a capacidade intelectual de compreender a morte e o luto, bem como a pesquisa evidenciou a necessidade de apoio dos adultos e responsáveis para fornecer suportes as crianças, que estão vivenciando o luto, evitando desta forma, transtornos e alterações advindas de um luto complicado.

Palavras-chave: Luto; Crianças Hospitalizadas; Compreensão.

¹Aluna do Curso de Bacharel em Enfermagem, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, UFCG, Campina Grande, PB, e-mail: mariaeduardaalmeida008@gmail.com

²Enfermeira, Orientadora, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, UFCG, Campina Grande, PB, e-mail: khiviakiss@yahoo.com.br



UNDERSTANDING DEATH THROUGH THE EYES OF A HOSPITALIZED CHILD

ABSTRACT

Grief can be experienced in different ways, dynamically, and can have different impacts depending on the individual's age group, their understanding of death, cultural and religious characteristics, as well as proximity to the deceased. This study aimed to: understand how hospitalized children understand death. This is a descriptive-exploratory study of a qualitative nature, carried out in a university hospital, in the city of Campina Grande, Paraíba. The sample consisted of 15 children aged 5 to 11 years, hospitalized in pediatrics and pediatric oncology. The collection took place during the months of november and december 2023, february, march, april and may 2024, through a semi-structured interview and assisted by reading the stories "Grandpa won't come back" and "The day I Max didn't play with the ball", which sought to introduce the subject in a more playful way. The speeches were analyzed using Bardin's thematic analysis, with the categories emerging: Losses experienced by the child; Feelings related to losses; What happens with the arrival of death; When someone dies, the child needs... and What children's stories/characters that deal with death/grief do you know. It is concluded that, as the literature addresses, children have the intellectual capacity to understand death and grief, and research has highlighted the need for support from adults and guardians to provide support to children who are experiencing grief, In this way, avoiding disorders and changes resulting from complicated grief.

Keywords: Grief; Hospitalized children; Understanding.



INTRODUÇÃO

O luto pode conceituado como as reações diante de uma perda significativa e que pode ser demonstrado e vivido de diversas formas e fases, sendo estas: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Estas podem ocorrer de modo aleatório conferindo a dinamicidade do luto (Kübler-Ross, 2020). Ele advém de uma perda que, em termos gerais, pode ser compreendida por um rompimento de relação com alguém ou algo (Moreno Sánchez, 2023). As perdas podem ser categorizadas em dois tipos: aquelas primárias, que têm um impacto imediato, como a morte e grandes mudanças na vida; e as secundárias, quando o sofrimento se desenvolve ao longo do tempo, como a perda de companheirismo (Fitzgerald, Dominic A. *et al*, 2021).

A perspectiva de cada indivíduo frente ao luto sofre influência de diversos aspectos, tais como social, cultural e religioso, bem como a sua compreensão sobre o processo de morte e morrer (Liang, Hui-ju *et al*, 2024). O luto também pode ser conceituado em três aspectos: o luto enquanto perda de algo ou alguém, o luto enquanto resposta à perda e o luto enquanto adaptação à perda (Revet, Alexis *et al*. 2020). Compreende-se como um luto finalizado quando a presente memória do falecido se encontra associado a paz, e ocorre reabertura para a existência de relações sociais (Kovacs 2012 apud, Bianchi, Daniela Pupo Barbosa *et al*. 2019).

Historicamente, nutria-se a percepção que as crianças não sofriam com efeitos do luto, baseando-se na imaturidade do seu desenvolvimento intelectual, entretanto, atualmente compreende-se os efeitos nos quais as crianças enlutadas estão passíveis a sofrerem (Revet, Alexis *et al*. 2020). Ariès (2017) aponta que, a partir do século XX, o tema da morte foi afastado dos diálogos cotidianos, tornando-se “banido”, “interdito” e silenciado. Justamente o que ainda acontece na atualidade. Diversos elementos, como idade, circunstâncias da morte e relação com o falecido, influenciam a forma como encaramos a morte, afetando diretamente o processo de luto.

No caso da criança e sua percepção, alguns estudiosos indicam que dos 3 aos 5 anos, a compreensão da morte ainda é limitada e não definitiva; dos 5 aos 10 anos, ela tende a ser vista como algo a ser temido e evitado, não sendo discutido ou compartilhado abertamente; entre 10 anos e o início da adolescência, a noção da morte como inevitável e precedente ao fim da vida se solidifica, embora o medo



anteriormente mencionado ainda influencie a concepção sobre o tema (Peña y Montana, 2002 apud. Moreno Sánchez, 2023).

Outra perspectiva acerca da forma como as crianças perpassam o cenário do luto foi descrita por Bowlby. Esse modelo é composto por três estágios distintos: um estágio inicial caracterizado pela busca pela pessoa falecida, seguido por um estágio marcado por desorganização e angústia, e finalmente, um estágio voltado para a reorganização (Revet, Alexis *et al.* 2020). Ademais existem outra análise sobre a compreensão infantil sobre o tema, de autoria de Wilma Torres, sendo esta classificação adotada na elaboração da pesquisa, sendo assim é descrita com mais detalhes na metodologia.

Acerca da influência do motivo de falecimento no processo de luto, ressalta-se que mortes associadas a incidentes inesperados, ou seja, sem nenhuma comorbidade que fosse atribuída ao falecimento, como acidentes, desastres ou morte súbita estão mais associadas a distúrbios no processo de luto, como transtorno de estresse pós-traumático e depressão duradoura (Liang, Hui-ju *et al.*, 2024) posto que, os enlutados não possuem chance de se organizar emocionalmente para a uma despedida (Burrell, Lisa Victoria *et al.*, 2020). Assim como, o luto prolongado, caracterizado por alterações nas atividades do cotidiano, em virtude de preocupação e saudade excessiva (Vang, Maria Louison *et al.*, 2022).

O enlutado está passível a desenvolver dois tipos de reações. A peritraumática, que diz respeito a reações como medo, desamparo e horror vivenciados durante ou imediatamente após o luto, e a dissociação peritraumática em que se destaca alterações na experiência de tempo, lugar e pessoas (Revet, Alexis *et al.* 2021).

Nas crianças pode haver o risco de grandes desafios como: automutilação, baixo nível de escolaridade, dissolução conjugal, suicídio, problemas de atenção e absenteísmo (Burrell, Lisa Victoria *et al.*, 2021; Burns, Michaelleen *et al.* 2020) e dificuldade de comunicação (Weber, Megan *et al.* 2019). Outros autores abordam que restrição na participação de cerimônias de despedida tornam mais propícios o aparecimento de complicações do luto (Moreno Sánchez, 2023).

Ademais destaca-se que, frequentemente as crianças tendem a evitar a temática, com medo do tema, bem como de serem repreendidas por algum adulto por



estarem falando sobre o que complica a vivência do luto (Moreno Sánchez, 2023). Por acreditar em um nível grande de fragilidade das crianças, muitas vezes os adultos não se permitem falar sobre a finitude e até limitam ou proíbem este público de participar dos rituais de despedida, não fornecendo quaisquer explicações sobre os acontecimentos quando há morte na família, ou de conhecidos. Ou mesmo quando existe a possibilidade da morte da própria criança.

Corroborando com a autora acima, Cruz et al (2021), em estudo sobre elaboração do luto infantil, destacaram que existe um receio por parte dos adultos em abordar a temática morte com crianças, mantendo-as longe do tema e não validando a sua capacidade de lidar com a situação. Foi identificado que este comportamento não é benéfico para a criança, prejudicando o seu desenvolvimento, além de não terem seus sentimentos validados.

É importante que as crianças sejam capazes de captar e compreender essa variedade de emoções, pois precisam aprender que não é necessário apenas chorar em um funeral, por exemplo, mas também podem rir, bem como também podem ficar com raiva em outras situações em que todos estão felizes.

Portanto, entender como crianças hospitalizadas compreendem a morte e o processo de luto pode auxiliar os profissionais de saúde e os familiares a apoiar a criança que está passando por essa experiência, permitindo que ela compartilhe seus sentimentos e se sinta compreendida e acolhida.

O objetivo geral deste estudo consiste em: descrever como crianças hospitalizadas compreendem a morte e o processo de luto.

Como objetivos específicos destaca-se: traçar o perfil sociodemográfico de crianças hospitalizadas; listar histórias infantis que falam de morte e luto para as crianças; registrar os personagens infantis conhecidos pelas crianças que tratam das temáticas morte e luto e enumerar os sentimentos e comportamentos das crianças perante a vivência do luto.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório de natureza qualitativa. O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das



relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam (Minayo, 2009).

A pesquisa foi realizada na Pediatria e Oncopediatria do Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC), na cidade de Campina Grande (PB), durante os meses de novembro e dezembro de 2023, fevereiro, março, abril e maio de 2024.

Participaram da pesquisa as crianças hospitalizadas na Pediatria e Oncopediatria, com idade entre 5 à 11 anos, 11 meses e 29 dias, de ambos os sexos. A amostra foi composta por 15 crianças, sendo do tipo não probabilística. Durante a execução da coleta de dados ocorreram duas recusas em participar da pesquisa, por parte dos responsáveis, bem como das crianças. Ademais, as pesquisadoras puderam presenciar um receio maior na abordagem do tema no setor da Oncologia Pediátrica.

A coleta baseou-se em três momentos: Aplicação de um formulário de entrevista semiestruturada, direcionado aos genitores a fim de coletar os dados sócio demográficos da criança, diagnóstico, tempo de tratamento. No segundo momento foi realizada a leitura da história: “O vovô não vai voltar: trabalhando o luto com crianças”, de Carmem Beatriz Neufeld (2015) e Aline Henriques Reis e “O dia em que Max não brincou com a bolinha”, de Olavo Mauricio de Souza Neto e Glenda Agra (2022), que buscou inserir o assunto de modo mais lúdico, para facilitar a compreensão da criança acerca dos questionamentos, posto que as histórias infantis podem ser utilizadas como estratégias para o desenvolvimento da imaginação, dos cuidados infantis, da comunicação e de vínculos entre adultos e crianças. Do mesmo modo, favorece o envolvimento das mesmas no que se pretende trabalhar. Após a leitura da história, foi utilizado um formulário com cinco questões abertas, direcionadas a atingir os objetivos do estudo. E utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada, com auxílio de um gravador de voz.

As crianças escolheram nomes de personagens infantis, como por exemplo: Mônica, Bob Esponja e Naruto, que substituiriam os seus nomes, dessa forma, mantendo o anonimato das mesmas.



As crianças e seus responsáveis foram esclarecidos quanto aos objetivos e finalidades do estudo e a respeito da garantia do direito de desistir da investigação a qualquer momento, sem que isso acarretasse algum prejuízo. Para assegurar a participação das crianças na pesquisa, os responsáveis que estavam com elas no momento da coleta, assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), comprovando a permissão para inclusão da mesma neste trabalho.

No presente estudo, utilizou-se como teoria para avaliação da compreensão e entendimento sobre a morte pelas crianças, a teoria de Wilma Torres que formula os níveis 1 (“Pré-operacional”), 2 (“Operações concretas”) e 3 (“Subperíodo operatório”). O nível 1 diz respeito às crianças que ainda não distinguem seres vivos e não vivos, não conseguem traçar uma diferença entre o período de vida e de morte, sendo assim não compreendendo os pontos inerentes à morte. O nível 2 caracteriza crianças que conseguem entender a diferença entre o vivo e não vivo, compreende características inerentes à morte, no entanto não conseguem explicar a morte. O nível 3, por sua vez, retrata crianças que entendem todos os pontos inerentes à morte, conseguem explicá-la e reconhecem seu acontecimento como natural (Alencar *et al*, 2022). A fase de compreensão a cerca do tema, qualidade e intensidade do vínculo afetivo estabelecido com a pessoa perdida também exercem papel modificante no luto (Torres 2012 apud, Bianchi *et al*. 2019).

As informações colhidas foram analisadas por meio da análise de conteúdo temática de Bardin (2011), entendida, segundo a autora, como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter descrição do conteúdo da pesquisa por meio de procedimentos sistemáticos que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens, esta é composta por quatro etapas: organização da análise, codificação, categorização e inferência.

Esta pesquisa atendeu aos princípios éticos que envolvem as pesquisas com seres humanos, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário Alcides Carneiro da Universidade Federal de Campina Grande/ HUAC-UFCG (Parecer consubstanciado nº 6.413.725). Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE: 74295123.9.0000.5182).



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Realizou-se a coleta de dados com 15 crianças, sendo os dados dos pacientes apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Dados sociodemográficos dos participantes.

	Variáveis	N	%
Sexo	Feminino	8	53
	Masculino	7	47
Setor de internação	Pediatria	10	67
	Oncologia Pediátrica	5	33
Faixa Etária	5-8 anos	9	60
	9-12 anos	6	40
Procedência	Urbana	12	80
	Rural	3	20
Religião	Católico(a)	10	67
	Evangélico(a)	4	26,5
	Sem religião	1	6,5
Raça/Etnia	Branco(a)	4	27
	Pardo(a)	8	53
	Negro(a)	3	20

Fontes: dados da pesquisa, 2024

Com relação ao nível de compreensão se enquadram no Pré-Operacional (n=7), no que se refere a Operações concretas (n=1) e no Subperíodo operatório (n=7). Com relação aos acompanhantes: estavam acompanhados da mãe (n=12), acompanhados pela tia (n=1) e acompanhados pela avó (n=2).

Sobre os motivos de internações, estes eram diversos, desde procedimentos como broncoscopia, até tratamento de Aplasia Medular e Leucemia Linfoblástica aguda. O tempo médio de internação hospitalar foram 12 dias, sendo o menor período de internação 1 dia, e o maior período 74 dias.

Ao examinar as respostas oriundas da entrevista, foram construídas cinco categorias, com subcategorias/códigos, conforme preconiza-se na análise de Bardin,



dispostas na Tabela 2. Neste contexto, pôde-se constatar que a compreensão da morte pela criança é moldada por uma série de elementos que se entrelaçam: desde aspectos biológicos, espirituais, socioculturais e emocionais.

Tabela 2: Categorias e Subcategorias.

Categorias	Subcategorias
As perdas vivenciadas pela criança	Familiares
	Animais de Estimação
	Familiares e Animais de Estimação
	Não vivenciou e/ou Desconhecidos
Sentimentos relacionados às perdas	Tristeza
	Superação
O que acontece com a chegada da morte	Não sabe
	Estado de paz
	Associação ligada a conceitos religiosos e/ou espirituais
	Associação ao processo biológico
Quando alguém morre, a criança precisa de...	Suporte emocional
	Atividades lúdicas
	Participar dos rituais de despedida
	Reavivar as boas lembranças
Quais histórias/personagens infantis que abordam sobre a morte/luto você conhece	Não sabe
	Histórias anteriores
	História contada no momento da entrevista

Fonte: dados da pesquisa, 2024.

As perdas vivenciadas pela criança

A perda de pessoas importantes na infância está associada ao desenvolvimento de diversas alterações na saúde e bem-estar infantil, alterações estas que ocorrem sob influência do grau de contato familiar, com recorrência de maior risco de problemas de saúde somáticos e pior desempenho escolar (Hart, Rannveig K. *et al*, 2023). Como exemplo da subcategoria “Familiar”, ressalta-se o discurso da Princesa Juju que relatou: “Sim... minha avó”.

Evidências científicas apontam que, as crianças frequentemente estabelecem laços emocionais profundos com seus animais de estimação. Esses vínculos podem



ser equiparados a relacionamentos de afeição humana segura, envolvendo cuidado, proteção e confiança. Além disso, essas conexões estão correlacionadas com o desenvolvimento de empatia e autoestima, assim como uma melhoria na competência social (Crawford, Katherine M. *et al.* 2021).

Pesquisa de Vieira (2019) sobre o luto e os animais de estimação demonstrou que, todos os tutores de animais, durante sua infância, desenvolveram laços emocionais significativos com seus animais de estimação. Esses laços foram caracterizados por interações positivas, como brincadeiras, demonstrações de carinho, responsabilidade e sensação de proteção. E essas experiências podem ter influenciado diretamente a necessidade emocional de acolher animais de estimação ao longo de suas vidas.

Segundo o mesmo autor, o processo de luto pela perda de um animal de estimação pode ser comparado ao experienciado pela perda de um ser humano, uma vez que foi criado um vínculo forte vínculo de apego. Como exemplo de discursos que se encaixam na subcategoria “Animais de Estimação” destaca-se: “Porque uma cachorrinha que eu adorava..., aí a minha cachorrinha ela pulava, se divertia, aí outro dia ela ficou doentinha aí depois quando eu fui ver ela tinha morrido, porque ela tava doente, aí minha mãe comprou remédio e ela foi para o céu. Ai a outra também foi para o céu” (Kwai). Ainda na mesma subcategoria os participantes Sasuke, Homem-Aranha e Chicrinho disseram, respectivamente, “Um animalzinho”, “Um cachorro pequeno” e “Sim, o gato”.

Alguns participantes vivenciaram as perdas tanto no contexto familiar, como de animais de estimação, tendo por base os seguintes relatos: “Meu avô e um animal de estimação” (Mônica), “Eu tinha um sonim bem pequenininho... aí ele ficou malzinho e morreu ... também morreu a vovó e tia Cidinha” (Naruto), “Foi na minha casa, a minha



bisavó... e uma tartaruga” (Rapunzel) e “Meu avô e um cachorrinho do tio” (Branca de Neve).

Alguns participantes não vivenciaram perdas ou desconheciam as pessoas que morreram. Flash relatou: “Aconteceu, mas eu não conhecia, ninguém da escola conhecia, escutamos um barulho e quando vimos o carro bateu em uma moto... meu tio já sofreu um acidente de moto, mas ele só quebrou a perna e tá tudo bem... eu já tive um gato, mas ele desapareceu não sei se ele já deve ter partido ou se ele tá vivendo a vida dele né?”. E a Mulher Maravilha respondeu “Não.” ao ser questionada sobre a vivência de perdas.

Sentimentos relacionados às perdas

As respostas emocionais das crianças diante da perda, não são equivalentes às dos adultos. Isso se deve às diferentes experiências prévias com a morte, ao estágio do desenvolvimento cognitivo em que se encontram e ao contexto sociocultural que muitas vezes as mantém afastadas do tema (Kübler-Ross, 2020).

Na subcategoria de tristeza evidenciou-se relatos como: “Triste, fiquei chorando” (Naruto), “Me senti mal” (Branca de Neve), “Fiquei Triste” (Princesa Lua) e “Eu fiquei triste” (Sasuke). No que se refere a subcategoria de Superação mencionou-se: “Eu fiquei triste, mas depois passou” (Mônica), “Eu fiquei triste, mas depois eu entendi que foi para o bem dela” (Princesa Juju) e “Eu não fico muito impressionado, porque eu sei que quando a pessoa morre ela vai para outro lugar” (Sonic).

Diante do luto infantil é comum a percepção de mudanças no comportamento, tais como agressividade e regressividade, e alterações nas relações pessoais foram destacadas, sensação de exaustão ou fadiga, sudorese e queixas de dores de cabeça, enurese, encoprese, sensação de tristeza, solidão, vergonha, medo, isolamento, culpa, raiva e ansiedade (Saraiva Menezes *et al*, 2022) perda de apetite, anedonia, dificuldade para dormir e pesadelos (Hogan, Nancy *et al*. 2021) medo de



ser abandonado e saudade do ente falecido. O não gerenciamento desses sinais e sintomas, promovem alterações biopsicossociais que comprometem, sobretudo, as relações e percepções do indivíduo em todas as suas fases da vida (Raimundo, 2023).

Bowlby descreve que diante de uma perda materna a criança, sobretudo entre 0 e 6 anos, perpassa três estágios. Estágio 1 a criança tem comportamentos como raiva e choro, sendo denominado de fase do protesto. O estágio 2, denominado de fase do desespero, se caracteriza por um intervalo dos sintomas apresentados, o que demonstra uma aparente calma com o ocorrido. O estágio 3 é a fase do desligamento, quando a criança começa a demonstrar comportamentos agressivos, posto que não há a mais a chance de reencontro com o ente perdido (Raimundo, 2023).

O que acontece com a chegada da morte

As dúvidas sobre o óbito também são mencionadas na literatura, como questionamentos acerca da partida, principalmente em enlutados por suicídio (Silvén Hagström, Anneli, 2019).

A busca por entender a morte ocorre a anos, e em várias culturas, seja por meio de religiões, filosofias, mitos ou ciência (Cruz *et al.*, 2021). Na Idade Média, rituais de despedida eram realizados, com a participação de crianças que podiam vivenciar todas as emoções expressadas na cerimônia, cujo objetivo era fornecer perdão ao ente morto (Rodrigues, Amorim, Fernandes, 2021).

Torres aborda que a compreensão da morte pelas crianças pode ser pautada em três aspectos: a extensão, ou seja, o entendimento que a vida um dia acaba; significado do que seria a morte e o reconhecimento da irreversibilidade do ocorrido. A ideia construída pela criança acerca do que seria a morte é oriunda das vivências ocorridas, ora escutando falarem sobre, ora visualizando e vivenciando de fato (Scaramucci, 2023).



No que se refere a subcategoria “Não sabe”, têm-se como exemplo de discurso “Não sei”(Mulher Maravilha e Princesa Sofia). Dentro da subcategoria “Entra em estado de paz”, tem-se respostas: “Descansa” (Mônica). Com relação à associação ligada a conceitos religiosos e/ou espirituais “Vão para o céu” (Naruto) e “Ele vai pra perto de Deus” (Rapunzel).

Como exemplo da subcategoria Associação ao processo biológico ressalta-se o discurso de Sonic “Ele é enterrado, aí passa pelo processo de decomposição”.

Quando alguém morre, a criança precisa de...

O ambiente familiar produz efeitos sobre a saúde e bem-estar dos enlutados, o que corrobora para a perspectiva da importância do apoio nos momentos de luto, sendo, portanto, o bom apoio familiar considerado como um fator de proteção para a saúde, sobretudo psicológica das crianças frente a perda de alguém (Weber, Megan *et al.* 2019). A forma como se estrutura o enfrentamento diante da perda pode se basear em controle primário, que envolve por exemplo expressão emocional e controle secundário que envolve o processo de reestruturação cognitiva e a etapa do luto de aceitação.

Estratégias como escrever algo sobre sentimentos, falar com a pessoa que morreu no pensamento e participar de rituais ajuda a criança a compreender o ocorrido e se sentir acolhida, comunicar a escola sobre a fase que está sendo vivenciada pela criança constitui um apoio necessário e importante na superação e reorganização do cotidiano da criança, bem como a identificação de quando se faz necessário uma ajuda profissional (Graciano, 2023).

Essas formas de enfrentamento estão associadas a melhores resultados nas crianças, ao contrário de estratégias que buscam evitar os assuntos (Hogan, Nancy S. *et al.* 2021) o que causar uma redução no sofrimento a curto prazo, mas com efeitos



negativos a longo prazo para a saúde mental e o bem-estar, intensificando sintomas supracitados como ansiedade e depressão (Danvers, Alexander F. *et al*, 2020).

Como exemplo da subcategoria Suporte emocional “Tem que ter pessoas para consolar ela” (Mônica), “Pensar pelo lado bom, que foi o melhor para ele e ele estava sofrendo” (Princesa Juju) e “Adulto ficar com o filho, ficar com cachorrinho” (Power Ranger Azul).

A subcategoria de Atividades lúdicas foi mencionada em discursos como “Brincar e lembrar das brincadeiras” (Naruto) e “Um brinquedo” (Princesa Sofia). Sobre a subcategoria Participar dos rituais de despedidas “Aí depois a gente coloca umas flores no enterro...” (Kwai) e “Levar flor” (Homem-Aranha).

Durante a entrevista teve ocorrência de respostas que se relacionam com a subcategoria Reavivar as boas lembranças “Ser grato por tudo que ele fez de bom” (Sonic) e “Quando a minha partiu, eu chorei e desenhei um desenho dela... tipo uma cartinha” (Rapunzel).

Quando a criança vivencia uma perda, a quantidade insuficiente de informações não permite a elaboração e compreensão da situação vivenciada, o que juntamente com a falta de apoio dos adultos frente ao seu luto corrobora para a dificuldade em expressar os sentimentos, culminando em consequências de âmbito biopsicossocial no desenvolvimento infantil (Scaramucci, 2023).

Quais histórias/personagens infantis que abordam sobre a morte/luto você conhece

Uma vez tendo contato com histórias, as crianças conseguem observar os acontecimentos que rodeiam os personagens, podendo relacionar com núcleo familiar ou social, o que fortalece o desenvolvimento cognitivo, social e emocional (Pulimeno, Piscitelli, Colazzo, 2020). Nesse íterim questionou-se o contato com tais enredos,



com o objetivo de compreender sobre o contato e as informações acerca da morte que as crianças possuem contato.

O falar sobre a morte com crianças não precisa ser de modo objetivo sempre. A introdução desse assunto pode ser feita com a utilização de recursos dinâmicos e interativos, como por exemplo: uso de jogos e livros. O diálogo pode ser iniciado partindo do questionamento do que a criança entende e/ou compreende sobre a morte e o morrer (Scaramucci, 2023).

Algumas crianças participantes desta pesquisa não tinham tido contato com nenhuma história que abordasse a temática de morte ou luto, ou não lembraram, como visto nos discursos: “Não” (Mônica) e “Não, porque eu não gosto de ler muito não, sabe?... filme acho que sim, mas não lembro o nome” (Flash).

Segundo Kovács (2005), a falta de publicações sobre o tema *Morte* pode ser atribuída à carência de instrução dos cuidadores (parentes/professores), seja por um viés de preconceito ou por lacunas no conteúdo pedagógico para abordar questões que estejam relacionadas às emoções e aos sentimentos associados à transitoriedade da existência.

Na subcategoria histórias anteriores, evidenciou-se os discursos: “Chapeuzinho Vermelho” (Naruto) e “Os três porquinhos” (Sasuke). Algumas crianças mencionaram que apenas tiveram contato com a história “O vovô não vai voltar: trabalhando o luto com crianças” (de Carmem Beatriz Neufeld e Aline Henriques Reis), que foi utilizada no momento inicial da coleta de dados: “Sim, a que ela contou agora” (Sonic).

Farias et al (2021) afirmam que, quando a criança tem o contato com a literatura infantil relacionada com a temática *Morte*, pode ter uma melhor compreensão sobre o luto. Assim, os mesmos autores acrescentam que, deve ser considerado também o



grau de maturidade cognitiva e emocional da criança, bem como o comportamento do responsável deve ser adaptável, ponderado e acolhedor.

A biblioterapia desenvolvimental consiste em terapia por meio dos livros. Pode auxiliar na resolução de problemas do cotidiano e pode ser feita bibliotecários, educadores e também com outras profissões, e age como mobilizadora de debates sobre temas socialmente relevantes (Silva, Garcia, 2016).

CONCLUSÃO

A partir da análise dos relatos ficou evidenciado que os mesmos corroboram com o que retrata a literatura pertinente ao tema. Foi possível identificar que as crianças possuem sim a capacidade de lidar com o luto, e esse luto deve ser assistido e orientado pelos seus responsáveis.

Em consonância com os estudiosos na área de luto infantil, enfatiza-se nos resultados deste estudo que, as crianças compreendem a morte, o que ela implica e a diferença entre vida e morte, o que constitui o estágio 3 de Wilma Torres. Em cada categoria foi possível observar que a vivência da perda estava relacionada a um familiar ou animal, proporcionando diversas reações ao luto.

As crianças fizeram associação da morte com “descanso da vida” e com quesitos religiosos. Assim, o auxílio dos adultos no luto, com atividades lúdicas e/ou inserção da criança aos rituais de despedida foi mencionado e foram listados como histórias já conhecidas pelas crianças “Chapeuzinho vermelho”, “Três porquinhos” e as histórias lidas na coleta.

Sendo assim, conclui-se que se faz necessário enfatizar e propagar a capacidade infantil de vivenciar a morte e o luto, combatendo a inviabilização de seus sofrimentos e sua exclusão, enquanto membro familiar, de participar dos rituais de despedida. Evidencia-se a necessidade de diálogo e comunicação dos responsáveis com a criança, fortalecendo o vínculo familiar e de segurança contribuindo para um luto sem complicações.



AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Campina Grande pela concessão da bolsa para a pesquisa científica.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ALENCAR, V. O. *et al.* Compreensão da morte no olhar de crianças hospitalizadas. **Revista Bioética**, v. 30, p. 63-71, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/TYPtXGCxJnmWK4RBYcmZvDN/?lang=pt> Acesso em: 20/02/2024

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições, 2011.

BIANCHI, Daniela Pupo Barbosa *et al.* Possibilidades da clínica gestáltica no atendimento de crianças enlutadas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 4, p. 1018-1035, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/49299/32975> Acesso em: 14/02/2024

BURRELL, Lisa Victoria; MEHLUM, Lars; QIN, Ping. Co-ocorrência de sequelas psicossociais em filhos enlutados. **Revista de transtornos afetivos**, v. 283, p. 325-328, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0165032721000616?via%3Dihub> Acesso em: 13/02/2024

CRAWFORD, Katherine M. *et al.* Os efeitos para a saúde mental da morte de animais de estimação durante a infância: é melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado?. **Psiquiatria Europeia da Criança e do Adolescente**, v. 1547-1558, 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7943653/> Acesso em: 13/02/2024

CRUZ, M. C. N. *et al.* **Um pedaço de mim virou estrelinha**: elaboração do luto infantil. Itabira: Editora CDRR Editors, 2021

DANVERS, Alexander F. *et al.* Efeitos da intervenção terapêutica na reatividade e regulação emocional de crianças enlutadas pelos pais, 15 anos depois. **Ciência da**



Prevenção, v. 21, p. 1017-1027, 2020. Disponível em:
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7572599/> Acesso em:14/02/2024

FARIAS et al. Luto na infância: A perda através da literatura infantil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, e16110816908, 2021. Disponível em:
[/https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16908/15381](https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16908/15381) Acesso em:
20/08/2024

FITZGERALD, Dominic A.; NUNN, Kenneth; ISAACS, David. O que aprendemos sobre trauma, perda e luto para crianças em resposta à COVID-19. **Revisões Respiratórias Pediátricas**, v. 39, p. 16-21, 2021. Disponível em:
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8437675/> Acesso em 13/02/2024

GRACIANO, Regiane Aparecida Corrêa. Luto infantil: a perda dos genitores pela Covid-19. *In: Escudeiro, Aroldo (org.). Faces da Morte: Temas em Tanatologia*. 1. ed. Itaitinga, CE: Saber viver,2023. p. 184-193.

HART, Rannveig K. *et al.* Consultas de cuidados primários de adolescentes antes e depois do suicídio parental: evidências de dados populacionais. **Psiquiatria Europeia da Criança e do Adolescente**, v. 12, pág. 2453-2462, 2023. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10682049/> Acesso em:04/02/2024

HOGAN, Nancy S. *et al.* Development and testing of the Hogan Inventory of Bereavement short form for children and adolescents. **Death studies**, v. 45, n. 4, p. 313-321, 2021. Disponível em:
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7029621/> Acesso em:13/02/2024

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 10ª ed. São Paulo: WMF; 2020.

LIANG, Hui-Ju *et al.* Experiência de luto de familiares taiwaneses após uma morte esperada: uma revisão sistemática e síntese narrativa. **BMC Cuidados Paliativos**. v. 1, pág. 1-15, 2024. Disponível em:
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10782629/> Acesso em: 01/02/2024

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2009.

MORENO-SÁNCHEZ, Aleix; TASA-VINYALS, Elisabet. Efectos de la educación emocional en el duelo por la pérdida de un ser querido en la infancia y la adolescencia: una revisión sistemática guiada por las directrices PRISMA. **Psicosomática y Psiquiatria**, n. 26, 2023. Disponível em:
<https://raco.cat/index.php/PsicosomPsiquiatr/article/view/419148/513789> Acesso em 10/02/2024



NEUFELD, C. B.; REIS, A. H. **O vovô não vai voltar: trabalhando o luto com crianças**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.

PULIMENO, M.; PISCITELLI, P.; COLAZZO, S. **Children's literature to promote students' global development and wellbeing**. *Health Promot Perspect*. 10(1): 13–23. 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7036210/> Acesso em 13/02/2024

RAIMUNDO, Karine Meneguim. O luto na primeira infância e seus impactos nos relacionamentos amorosos na vida adulta. *In: Escudeiro, Aroldo (org.). Faces da Morte: Temas em Tanatologia*. 1. ed. Itaitinga, CE: Saber viver, 2023. p. 175-183.

REJET, Alexis *et al.* Luto e reações de luto entre crianças e adolescentes: apresentar dados e perspectivas. *L'encéphale*, v. 46, n. 5, pág. 356-363, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0013700620300920?via%3Dihub> Acesso em: 13/02/2024

REJET, Alexis *et al.* O sofrimento peritraumático prediz a gravidade prolongada dos sintomas do transtorno do luto após a morte de um dos pais em crianças e adolescentes. *Revista Europeia de Psicotraumatologia*, v. 12, n. 1, pág. 1936916, 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8245082/> Acesso em 13/02/2024

RODRIGUES, G. R. C; AMORIM, C. L. C; FERNANDES, I. A. G. A vivência do luto na infância: um olhar sobre o filme “Tão Forte, Tão Perto”: The experience of childhood mourning: a look at the film “Extremely Loud & Incredibly Close”. *Academic Journal of Studies in Society, Sciences and Technologies–Geplat Papers*, v. 2, n. 1, 2021

SARAIVA MENEZES, Karolline de Jesus; CALLEGARO BORSA, Juliane. Avaliação psicológica no contexto do luto infantil: contribuições da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. *Divers.: Perspectiva. Psicol.*, Bogotá, v. 1, pág. 237-258, junho de 2022. Disponível em

<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-99982022000100017&lng=en&nrm=iso>. acesso em 12 de fevereiro de 2024. Epub 01 de janeiro de 2022. <https://doi.org/10.15332/22563067.5856>

SCARAMUCCI, Margareth Margot. Os efeitos da não comunicação da morte para a criança. *In: Escudeiro, Aroldo (org.). Faces da Morte: Temas em Tanatologia*. 1. ed. Itaitinga, CE: Saber viver, 2023. p. 194-207.

SILVA, J. C. G.; GARCIA, J. C. R. O projeto de lei nº 4186/2012: em cena a atuação da biblioterapia. Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. 2016. Disponível em: <http://www.ccsa.ufpb.br/biblio/contents/tcc/tcc-2016/o-projeto-de-lei-n-4186-2012-em-cena-a-atuacao-da-biblioterapia.pdf/view> Acesso em: 21/08/2023.



SILVÉN HAGSTRÖM, Anneli. “Por que ele escolheu morrer?”: Uma abordagem de busca de significado para o luto por suicídio dos pais na juventude. **Estudos sobre a morte** , v. 43, n. 2, pág. 113-121, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/07481187.2018.1457604> Acesso em: 14/02/2024

SOUZA NETO, Olavo Mauricio; AGRA, Glenda. O dia que max não brincou com a bolinha. 1ªEd. Cuité, 2022.

VIEIRA, Márcia Núbia Fonseca. Quando morre o animal de estimação: um estudo sobre luto. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 25, n. 1, p. 239-257, jan. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682019000100014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 fev. 2024. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p239-257>.

WEBER, Megan *et al.* Comunicação em famílias com filhos menores após a perda de um dos pais devido ao câncer. **Revista Europeia de Enfermagem Oncológica** , v. 41-46, 2019. Disponível em: [https://www.ejoncologynursing.com/article/S1462-3889\(19\)30005-5/fulltext](https://www.ejoncologynursing.com/article/S1462-3889(19)30005-5/fulltext) Acesso em: 14/02/2024